LINDO ROMANCE

EM

VERSO.

A DESGRACADA

OU

A Vinganca d'um Filho

VENDE-SE AQUI

LIVRARIA PORTUGUEZA
New Bedford, Mass.

LINDO ROMANCE

EM

VERSO.

A DESGRACADA

OU

A Vinganca d'um Filho

VENDE-SE AQUI

LIVRARIA PORTUGUEZA
New Bedford, Mass.

A DESGRAÇADA
Ou a 'Vingança d'um Filho.'

POSTA EM VERSO POR

QUIRINO DE SOUSA.

Capitulo I

DESABROCHA O AMOR

N'uma casa arruinada,
Nos confins da velha França,
Vivia a bella Maria,
De seus paes unica esp'rança.

Fatigados p'la canceira
E dos maus tratos da vida,
'Stavam cançados e velhos
N'aquella aldeia esquecidos.

Tambem havia um irmão,
[Que bulhento que era Antonio!]
Vadio, despreoccupado . . . .
Um verdadeiro demonio!

Até que um dia fugiu
P'ras terras de Santa Cruz,
Onde abriu os olhos d'alma
Da verdade à bella luz!

Maria era um anjo casto
E o amparo de seus pais.
Havia tal que dizia—
Ser a inveja das mais.

Trabalhadora incançavel,
Mal rompia a madrugada
Já trabalhava contente
Na machina debruçada.

Se o trabalho lhe rendia,
P'ra dar aos paes o sustento,
Cantava alegre sem ter
O mais pequeno tormento.

Mas se a obra escasseava
E o pão não appar'cia;
Chorava que até cortava
A alma de quem a ouvia.

Contra a propria existencia
A pobre um dia tentou,
Mas ao lembrar-se dos velhos
Essa ideia abandonou.

E' que o amor filial
O desespero vencia;
Mais esta c'rôa de rosas
Engrinaldava Maria.

Oh! filhas de quem os paes
Chegaram ao fim da vida;
Segui este bello exemplo
D'uma amisade tão qu'rida!

Um bello dia, à tardinha,
D'uma linda primavera,
Maria cozia á porta
Gozando a atmosphera.

Por entre o basto arvoredo
Um lindo moço passou,
E, em bello traje de caça,
A' joven assim fallou:

—Desejo-lhe boas tardes,
Menina que està cozendo.
—O senhor lhe dê as mesmas,
Disse Maria tremendo!...

—Atraz da caça nos montes
Já sinto da sêde a magua,
Pedia-lhe que me désse
Um copo da sua agua!

—Meu senhor, eu vou buscal-a,
Disse ella com cortezia;
E, em menos d'um minuto,
Um copo d'agua trazià.

Saciou o moço a sêde,
Sempre olhando-a com amor,
Vendo nos olhos da joven
Do ceu a mais linda côr!

E encostando-se á espingarda
Muito cortez e polido,
Perguntou-lhe pelo seu nome,
Mas devéras commovido.

—Sou Maria, meu senhor.
—Maria? Lindo e singelo!...
A menina é como o nome:
Simples, casto, puro e bello!

E seguindo o seu caminho,
Fernandes p'ra si pensava:
—Para ter o amor d'ella
A minha fortuna eu dava!

Mas quem sabe se outro amor
Em seu peito pousará!...
E que este, que sinto agora,
Um desengano terá?

Quem sabe se, em silencio,
Sente na alma, talvez,
Alguma paixão occulta
Por um pobre montanhez?

E assim foi pensando o moço,
Banhado de atroz receio,
'Té que chegou ao solar
N'um completo devaneio.

Dias se foram passando,
E Fernandes nem dormia;
Tal era o amôr ardente
Que pela joven sentia.

'Té que não podendo mais,
A mão da penna lançou
E cheia de mil promessas,
Uma carta lhe mandou!

Promessas da mocidade,
Que ás vezes bem curtas são!
Cêdo se evolam p'los áres,
Cêdo esfria o coração!...

São como gôttas de orvalho,
Que lindos pousam na flôr,
Mas que se evaporam rapidas
Se o Sol lhes dá o calôr.

Maria 'inda era innocente,
Pois ninguem tinha amado,
Mas ao lêr do moço a carta,
Sentiu o peito affectado.

A tão estranha sensação,
A joven não resistiu,
E simples, meiga e singela,
Outra carta lhe d'rigiu!

Fernandes, ébrio de amôr,
A resposta devorou,
E a conquista de Maria
A si proprio elle jurou!

CAPITULO II

OS PRIMEIROS DIAS DE AMOR.

Já toda a genta na aldeia,
Desde os pequenos aos grandes,
Sabiam d'aquelle amôr
De Maria com Fernandes.

Atè alguem invejava,
Vendo Maria tão pobre,
Ter por noivo um rapaz rico
E muito mais sendo nobre.

Os paes, quando tal souberam,
Negras nuvens os toldaram,
Pois a riqueza e pobreza
Raras vêzes se juntaram.

O coração dos velhinhos
Um mau presagio sentiu,
E o sangue da vergonha
Ás faces lhes affluiu.

—Pois que! segredavam elles,
Encostados á janella;
Se elle abandona Maria,
Meu Deus, o que hade ser d'ella?

Ai! se na nossa velhice
A vêmos por ahi perdida,
Baixaremos ao sepulchro
C'o a gravidade da f'rida!

Se, depois de tantos annos,
Que a virtude n'ella brilha,
A vemos ir aportar
Aos bordeis, a nossa filha?!

E assim fallavam horas,
Até que por fim, um dia,
Resolveram com coragem
Interrogar a Maria!

—Minha filha, nós não queremos
Enlutar-te a mocidade,
Tambem já por lá passàmos,
Em abono da verdade.

Qu'remos-te vêr jovial,
Alegre, a rir e folgar,
Na primavera da vida
Tens que este mundo gosar.

Mas nota, filha, cuidado
N'essa affeição que hoje sentes;
Não seja alguma cilada;
Vê, filhinha, não te tentes!

Nós guiamos-te na vida;
C'o a pratica da indigencia
Não te deixes seduzir
Com as côres da opulencia.

Olha, o pobre é para o pobre,
Sempre o contrario é fatal;
E' contra as leis naturaes
Uma união desigual.

Acontece algumas vezes,
Mas é por méra excepção,
E hoje é raro enc ntrar-se
Um tão puro coração!

Esse mancebo quer-te hoje,
Mas ámanhã, oh! quem sabe?
Não ha mal que sempre dure
Nem bem que se não acabe.

Cautella, filha, cautella,
Vem em nós buscar abrigo,
Aonde está a mulher
Quasi sempre está o p'rigo.

Maria olhou tristemente,
E dos seus olhos brilhantes
Tristes lagrimas correram
Em silencio e abundantes.

—Não chores, filha, não chores,
. . . São conselhos, nada mais ;
Não qu'rêmos que te entristeçam
Teus cadavericos paes ! . . ."

Ella então, ajoelhada,
Beijou-lhe as mãos venerandas,
Seus beijos eram estrellas,
Que brilhavam meigas, brandas!

—Vós, meu pae, sois para mim
O anjo da redempção !
Vós, oh! mãe, a minha guia,
A minha consolação !

"Mas, deixae-me amar aquelle
Que fiel me jurou ser ;
A sua alma é muito digna,
P'ra que me queira perder !

«Foi este o amôr primeiro,
Que escolheu a minha sorte,
Deixal-o agora, oh! não posso,
Antes mil vezes a morte! . . .

"Vós, que sois tão carinhosos,
Facil é que vos convença,
E decerto não qu'rereis
Lavrar-me a cruel sentença!"

Calaram-se os bons velhinhos,
Mas tristemente se olharam,
E uma desgraça immensa
Em Maria advinharam.

—Pois bem, filha, seja assim;
Mas se o destino fôr duro,
Recorda-te que pintámos
A negra côr do futuro.

E lá foram para a alcôva,
Mudos como a branda aragem;
E Maria ajoelhou
Aos pés d'uma velha imagem.

Duas pancadas violentas
A' porta vieram f'rir,
E Maria, em sobresalto,
Levantou-se e foi abrir!

Era Fernandes em susto
Que, assaltado pr'uns ladrões,
Vinha alli refugiar-se,
Cheio de mil commoções.

—Até, emfim, que chegaste,
Meu rico, meu bem amado;
Mas que mudança em ti noto,
Como vens tão assustado ! . . .

Fernandes, então, contou-lhe
A sua triste aventura,
Que por um pouco estivera,
A baixar à sepultura !

—Mas, meu amor, estás f'rido ?
Diz-me, qu'inda 'stou tremendo.
Mas graças que estás com vida,
Bemdito Deus, te estou vendo! . . .

—Eu é que vejo, Maria,
Os teus olhos lacrimosos;
Que pezar, vel-os assim,
Esses dois soes tão formosos !

—Foi uma séria conf'rencia
Que eu tive com os meus paes,
Pois julgam que o nosso amor
Me dará uns fins fataes.

—Foi uma séria conf'rencia,
Que eu tive com os meus paes,
Pois julgam que o nosso amor
Me dará uns fins fataes!

Receiam que tu, um nobre,
De mim pobre se valeu,
E que bem cêdo aborreças
Uma simples como eu!

Fernandes olhou p'ra ella,
E commovido um momento,
Pondo as mãos, fez-lhe bem alto,
Um solemne juramento:

—Á fé de Deus, que me ouve,
Juro amar-te eternamente,
E do contrario em mim caia
A ira do Omnipotente!

CAPITULO III

A FUGA

Trez mezes passaram mudos,
Entre ternos madrigaes,
E os nossos namorados
Cada vez se amavam mais.

Que promessas, que lamentos,
Que de suspiros e juras,
Que projectos do futuro...
Que verdadeiras ternuras!..,

De manhã, juntos na fonte,
Á tarde por entre os prad s,
Á noitinha no eirado
Sempre estavam lá sentados.

Um dia, porém, Fernandes,
Com um triste olhar sombrio,
A Maria, sem preambulos,
Esta phraze lhe d'rigio:

—Será verdade, Maria,
Que o teu amôr é sincero?
E amar-me-has tu sempre
Como eu p'ra sempre te quero?

A doçura que em teus olhos
Tem um podêr feiticeiro,
Será um amôr constante
Ou um brilhar zombeteiro?

Ao ouvir tão crueis phrazes,
A pobre da namorada
Respondeu-lhe dolorida,
Toda em lagrimas banhada:

—Pergunta ao peixe no mar,
Onde tem sua alegria,
Ao passaro que o ar fende,
O que mais o inebria.

Pergunta ao humilde insecto
O que o consola e seduz,
Ao regato que murmura,
Ao dia onde tem a luz.

E tudo responderá,
Em sorridente arrebol,
Que o que lhe dá vida e alma
É a bella luz do Sol!

—Pois bem; o meu Sol és tu!
Concentra-se em ti minh'alma,
É esta a minha resposta
Que te dou, serêna e calma.

Fernandes, ébrio de amôr,
Em seus braços a tomou,
E mais um vez a lua
Scenas de amôr escutou.

Porém na alma do mancebo,
Outra ideia germinava;
Se agora tudo elle tinha
Muito mais ter desejava.

O amôr è sempre assim:
Quando vê sua conquista,
Nova sêde o atormenta,
Cada vez mais egoista!

Da posse quer ser o rei;
Da reducção o senhor;
Esvae-se então como o fumo...
Basta-lhe o nome de Amôr!

Quem ama 'inda mais deseja,
É lei da sociedade;
A não ser que esse desejo
Se transforme em amizade!

Então, a illusão perdeu-se,
É como a nuvem que vae....
E o coração bate puro
Quando o homem vê que é pae!

Outro sentir exp'rimenta,
Sem combates, nem vigilia,
É a vida calma e dôce,
No sacrario da familia!

E o nosso ardente mancêbo,
Todo elle em ebullição,
'Stava longe de sentir,
No peito a dôce mansão!

Qu'ria a bella só p'ra si;
Nenhum outro sentimento
Admittia que Maria
Sonhasse n'um só momento.

Foi então que elle enleando-a,
Em seus braços palpitantes,
Seus projectos derradeiros
Lhe expôz em breves instantes.

Queria fugir com a joven,
Para um sitio retirado,
Para um ninho que, de todos,
Sempre fosse ignorado.

Maria, ouvindo a proposta,
Estremeceu cheia de susto,
E vencida pela dôr,
Respondeu-lhe em grande custo:

—Fugir comtigo? E meus paes?
Tão pobres e tão doentes?
Quem os acalentaria?
Coitadinhos, pobres entes!...

Qual seria a mão amiga
Que lhe coseria a roupa?
Quem lhe poria na meza
A sua tão magra sôpa?

Que braço os conduziria
Em linda manhã florida
Para assistirem á missa
Na sua velhinha ermida?....

Depois, Fernandes, o mundo
Não lhe chamaria "desdita",
Se, austéro, me apontava.
Como uma filha maldita?

--Vamos, vamos, respondeu-lhe
O seductôr namorado,
Teus paes gosarão na vida
Um paraiso dourado!

Sou rico, qu'rida e dinheiro
Posso dispôr sem contar;
E pão, descanço e decencia,
A teus paes eu quero dar.

Se a saudade cortante
Te assaltar um bello dia,
Vem vel-os e abraçal-os,
N'isso terei alegria!....

Mas foge, foge comigo;
Terás palacios, riqueza!
Creados p'ra te servirem,
E a mais opulenta mêsa!

Mas o amar em silencio
Tem mais tom, tem outro encanto,
Demais a mais eu adoro-te,
Eu quero-te, tanto, e tanto!...

E perante taes promessas
(Das taes que ás vezes se somem)
A mulher fraca é vencida,
E o vencedôr .... é o homem!

Foram taes os argumentos,
Que a pobre flôr oscillou.
E nos braços do amante,
Louca, louca, se deitou!

Donzellas, se dôces phrazes
Ouvirdes um só momento,
Cautella, o fallar não custa....
Palavras leva-as o vento!...

Era uma noute de inverno.
A chuva importunamente
As janellas de Maria
Açoutava rudemente.

Nem uma estrêlla brilhava
No irado firmamento,
E as onze horas bateram,
Como n'um triste lamento.

Um carro, voando rapido,
Lugubre bulha soôu,
E á portá de Maria
De forma estranha parou!

—Fernandes, meu bem, és tu?
—Sim, minha amada, sou eu.
Vem, vem, é escura a noute
Nada receies, sou só teu!

E o carro, andando de novo,
Lá levou a aguia e pomba;
Mas só o destino sabe
Se sempre cae o que tomba!

Era sobre a madrugada,
Quando de novo pararam,
E n'um palacio soberbo
Febricitantes entraram.

Ella extactica, abysmada,
Por tanto luxo e riqueza,
Nem sequer lhe veiu á mente
O grão da sua crueza!

Pobres paes! Como ficaram,
Quando no seguinte dia
Viram, mas tão claramente,
A fugida de Maria!

Loucos, andavam p'la estrada
Em procura da ingrata;
Pois o amor paternal
É nò que se não desata.

—Filha, que assim nos deixaste!
Proferiam elles chorando;
Cansados, velhos e pobres,
N'este estado miserando!

Agora, qual nossa sorte?
Pela dôr dilacerados! . . .
Sem termos o teu carinho . . .
N'este mundo desprezados!

De aldeia em aldeia andavam,
Como quem espinhos trilha;
Perguntavam sem cessar
Pela sua qu'rida filha!

'Té que em negro desalento,
Lá se arrastavam p'ra casa,
Levando no peito a dôr,
Por tão cruciante braza!

Escreveram em seguida
Ao filho que estava ausente;
Que lagrimas que não foram
N'essa carta commovente!

Antonio, ferido n'alma,
P'la ingratidão de Maria,
Respondeu aos paes dizendo
Que em breve regressaria.

E, dentro da mesma carta,
Remetteu grande quantia
P'ra que a seus paes não faltasse
O seu pão de cada dia.

CAPITULO IV

O ABANDONO

Toda a aldeia commentava
De Maria o passo dado,
Sentindo todos por ella
O mais fundo desagrado.

—Esquecer patria, velhinhos,
Trocar todo o seu repouso,
Para seguir simplesmente
A alegria, vicio, gozo!

Amada p'lo seu Fernandes,
Que mais ambicionaria?
Mas a sentença cruel
Muito breve chegaria.

D'elle o coração cansado
Começava a fraquejar,
Não sentindo por Maria
Mais que uma affeição vulgar.

A longas horas da noute,
A pobre não socegava,
E encostada ao travesseiro
Assim, chorando, pensava:

—Que fiz eu ? Que grande abysmo
Sem consciencia fui cavar
Para, louca e leviana,
N'elle m' ir precipitar!

Oh! se meus paes me acceitassem.
Se eu não fosse repellida,
Como o seu perdão suave
Me daria vigor e vida!

Oh! se eu deixasse Fernandes
E fosse beijar meus paes...
... Mas se elles me regeitassem ?
'Inda me abysmava mais! . . .

Sinto a alma segredar-me
Feroz, revolta comigo:
Em breve acharás, má filha,
O parallelo castigo!

Quem foi má filha è má mãe,
Na sociedade é fera ! . . .
É coração pestilento,
Que só monstros ama e gera.

Era assim que nas insomnias
Maria raciocinava,
Sentindo já que o remorso
A mordia e castigava !

Um dia viu claramente
D'outro ceu a viva côr,
Pois sentiu que em si vivia
O fructo do seu amor.

Não teve pranto nem susto,
Não se queixou a ninguem,
Sentiu até as delicias
Da ideia de ir ser mãe.

Fernandes era outro homem,
Raramente a visitava;
Mas sombrio, enfastiado,
Quasi que nem lhe fallava.

Um dia, querendo acabar
Aquella leviandade,
Procurou achar um meio
Para a pôr em liberdade.

Zangou-se, frio e cortante,
C'o a ingratidão mais crua,
E apontando-lhe a porta
Fel-a ir pr'o meio da rua.

Ella sahiu, submissa,
Mas voltando-se abatida
Disse-lhe, pausadamente,
C'o a mão p'ra elle estendida:

—Infame, malvado, fica-te!
Vil ladrão da honra minha,
Roubaste-me, alma putrida,
O unico valor que eu tinha!

Sê maldito para sempre,
Alma vil sem consciencia;
Soffrerás supplicio atroz,
Pois é justa a Providencia!

Seduziste-me, covarde,
Roubaste-me a pae e mãe;
Ha de chegar o teu dia,
Lagrimas terás tambem.

Coração negro e satanico,
Alma lugubre e funeria,
Que o fructo d'estas entranhas
Lanças em negra miseria.

Mas nada fez commover
O coração do malvado,
Queria-se desfazer d'ella,
Tudo estava terminado!

Era já noite e p'la estrada
Nem uma alma se via;
Só ao longe um vulto negro:
Era a infeliz Maria.

Sem destino, andava, andava,
Mas suas forças faltavam;
As pernas fracas e tremulas
A andar se recusavam.

Por fim, lá foi como pôde,
Viu uma porta e bateu;
Uma mulher já de idade,
Ao seu postigo correu.

—Senhora, p'lo amor de Deus,
Dê-me uma pobre pousada;
Sinto o corpo extenuado,
Caminhei tanto na estrada!

Por mim, da melhor vontade,
Disse-lhe a velha aos ouvidos,
Mas n'esta casa, menina,
Só habitam uns bandidos.

—Oh! mil vezes obrigada,
Seu aviso mais valia;
Mas desculpe, acceite em paga
Esta pequena quantia.

E sempre fraca e tremendo,
Lá continuou a andar,
'Té que proximo a um monte
Deitou-se p'ra repousar.

N'uma pedra lisa e fria
Sua cabeça apoiou,
E a canceira era tão grande
Que mesmo assim descançou ...

Ao longe o uivar dos lobos
Ouvia-se muito distincto,
É bem feliz muitas vezes
D'estas feras o instincto.

Mas a Maria, corajosa,
Estava já resignada
A finalisar seus dias
Pelas feras devorada.

Comtudo, rompeu o dia,
Sereno, bello, fagueiro;
Os passarinhos brincavam
Nos finos troncos do olmeiro.

E Maria, andando rapida,
Em poucas horas se achou
Em bella estrada direita,
Que a Neplos a encaminhou.

Passados foram seis dias
E não se faz uma ideia
Da limpeza e das paisagens
D'esta sympathica aldeia.

Escusado será dizer
Que Maria, a infeliz,
Teve em tão triste jornada
Da fome o negro matiz.

Fome, sêde e desabrigo,
N'uma cruel solidão,
Comendo as ervas do prado...
Corta, corta o coração!

Mas ella se resignava
Com a sua triste sorte.
Só queria ver os seus paes
Antes de lhe vir a morte.

Mas mal que á aldeia chegou,
Foi ver onde trabalhar,
E em costura, facilmente,
Se pôde então empregar.

Gozava de sympathia
Entre as suas companheiras,
E já se mostr'avam todas
Amigas, e verdadeiras.

Porèm, uma tarde a pobre
Sentiu-se mal, dolorida,
E, n'uma cama do hospicio,
Maria lá foi recolhida.

Dias depois veiu á luz
Um gordo e lindinho menino
C'o as mãosinhas côr de rosa,
De cabello louro e fino.

Os bons patrões de Maria
Cobriram-na de carinhos,
E da creança innocente
Prestaram-se a ser padrinhos.

Deram-lhe o nome de Alberto,
Readmittiram a mãe;
Que consolo n'estes actos! . . .
Quem os pratica sò tem!

Feliz se julgava agora,
Depois de taes privações,
Pois era quasi adorada
De seus bondosos patrões.

Só ás vezes lhe restava
O remorso compungido,
Que lhe anuviava a fronte:
De aos pobres paes ter fugido!

Porém mal sabia ella
Que nem sempre dura o bem:
Tudo è contingente e fraco,
Azares que o mundo tem!

Quando nós estamos bem,
No mal então não pensamos,
Comtudo elle lá vem prestes
E nós ao encontro vamos . . .

CAPITULO V

O FOGO

Ha quem diga que ao nascermos
'Stá escripto no futuro
A côr do nosso horizonte,
Quer risonho, quer escuro.

Acabavam de bater
Duas horas bem compassadas
Quando surgem d'entre as trevas
Linguas de fogo abrazadas.

Grande alarme em toda a aldeia,
Grande multidão corria
A ver arder as fabricas
Dos bons patrões de Maria.

Que gritos tão lastimosos,
Que o povo soltava então,
Pois tinha p'lo commerciante,
Respeito e veneração!

Viam o amigo dos pobres
A' miseria reduzido,
Pois todo o seu capital
Tinha o fogo consumido.

O pessoal do trabalho
N'outros logares achou pão;
Mas só Maria não teve
Do trabalho a protecção!

Trabalhava sim, coitada,
Mas por tão magro salario,
Que o seu sustento e do filho
Era um penoso calvario.

Via clara a realidade
E ao comer as magras migas
Notou que até lhe fugiam
Suas antigas amigas.

De noute, abraçada a Alberto,
Que pezadêllos medonhos! . . .
Via os paes amaldiçoal-a,
Via-os assim em seus sonhos!

Então chorava convulsa,
Sem poder chamar soccorro,
Gritando, a beijar o filho:
—Alberto, Alberto, que eu morro!

Finalisou-se a alegria!
Todos se ausentam de mim;
Qual será a tua sorte?
Qual será meu triste fim?

Oh! fui má filha, conheço,
Filha que os paes deshonrou
Para os trocar por um homem
Que a honra me maculou!

Paes, oh! paes! Onde estarão?
Mortos? Vivos? Que incerteza!
Terão roupa que os aquente?
Terão pão à sua meza?

Agora, tudo comprehendo,
A desventura m'o diz.
Estou pagando, duramente,
O que áquelles entes fiz!

Cessae, Senhor, a desdita!
Derramae vosso perdão!
Evaporae de minh'alma
De meus paes a maldicção!

Tenho aqui, ao pè de mim,
Junto ao meu negro destino,
Um innocente filhinho,
Tão magro, tão pequenino.

E ella, pobre creança,
Que o meu amparo sò tem,
Partilharà o castigo
Da desventurada mãe?

Era o constante scismar
Da filha da desventura,
Só desejando baixar
C'o filhinho á sepultura.

Oh! mães! Só vós daes valôr,
Como a amargura vos come,
Quando juntas c'os filhinhos,
Passaes os horrores da fome!

Vêl-os 'inda gatinhando,
Estender-vos a rosea mão,
Apenas balbuciando:
—Mãe... fominha,. . dá-me pão!...
Mas que fazer? vossos seios
Magros, exhaustos de leite,
Sem ao menos uma acha,
Que no fogão se lhe deite!

E assim se foram passando,
Cinco annos em bom penar,
Sempre na mesma miseria
Sem tendencias a acabar.

Mesmo o pequeno trabalho,
De que a martyr se valia,
Foi, rapido, escasseando,
Decrescendo dia a dia!

A crise cercou a aldeia !
E poucos ganhavam feria
Appar'cendo desnudada
A horrorosa miseria.

Maria lá foi vendendo
A pouca roupa que tinha,
Evitando desfazer-se
dos trapos da creancinha.

Mas isso mesmo acabou,
E então, estendendo a mão,
Raras vezes recebia
O òbulo da redempção!

Rôta, andrajosa, faminta,
C'o pobre filhinho ao lado,
Lá vagueava p'la estrada
De rosto desfigurado!

—Uma esmolinha por Deus.
Dae-me pão, meu bemfeitor,
Quem na terra dá aos pobres
No ceu empresta ao Senhor!

Desde hontem que nada como . .
. . . Mas eu nasci para as dôres,
Comtudo, meu pobre filho
Já me vae perdendo as côres!

Escuta, meu filho, socega.
Tens fome . . . não tenho pão!
Uma esmola, meus senhores,
Vejam esta situação!

—Tome lá, disse um mancebo,
Que passava bem vestido,
Que ao ver na pobre belleza
Ficou muito commovido.

—Obrigada, Deus lhe pague,
Generoso cavalheiro . . .
E prostrando-se de joelhos
Febril beijou o dinheiro.

Chegada a noite, Maria,
Como a flôr que se estiola,
Recolhia com o filhinho
Conduzindo a magra esmola.

Depois dizia, beijando-o:
—Queres pãosinho? Sim, vou dar-t'o
E lá se deitavam ambos
No seu miseravel quarto!

O' seres humanos! ó almas!
O' vós, ministros de Christo!
Olhae, cheios de vergonha,
Ao presenceardes isto!

Vossos palacios de marmore,
Vossos templos prateados,
Vossos brazões de seis seculos,
Lacaios agaloados!

Juntae d'essas refeições
Umas migalhas diarias
E consolae, ò imbecis,
Os que vós chamaes uns parias.

Oh! dae, que o dar é sublime;
Oh! dae, que o dar suavisa;
Dae ao pobre que não tem
Nem pão, calor, nem camisa.

Um dia, a nossa heroina,
Farta de tanto soffrer,
Resolveu findar com tudo,
Resolveu, emfim, morrer!

E, procurando na rua
Um logar mais escondido,
Depoz na face do filho
Um osculo enternecido.

Depois, puxando do lenço,
Foi para a beira de um fosso
E com tenção de esganar-se,
Atou o lenço ao pescoço.

N'isto, uma voz commovida,
Valente, das mais audazes,
As suas mãos suspendeu,
Gritando-lhe :—O que é que fazes?

—Vê quem sou. Não me conheces?
Já não te lembras de mim ?
Diz-me, diz-me, porque qu'rias
A' tua vida dar fim ?

Maria olhou para elle :
—Sim, Antonio de Mesquita,
Companheiro do trabalho,
Companheiro da desdita !

Oh ! mil vezes obrigada,
P'lo seu rasgo de bondade,
A si lhe deve o meu filho
Não ficar na orphandade.

Beijo-lhe as mãos, meu amigo,
Seu coração é sacrario,
Que encerra o diamante raro
Da nobreza do operario!

Mesquita sentia o peito
Estalar-lhe de viva dôr,
Pois viu bem onde a desdita
A pobresinha iria pôr.

—E' este o teu qu'rido filho,
Que um falso amor produziu ?
Coitadinho, como treme
De medo, talvez de frio!

—E' verdade, é este mesmo
O meu amor mais profundo...
E que, senão fosseis vós,
Ficaria só no mundo!

—Ha quanto tempo é que soffres ?
Pobre e digna companheira!
—Ha tres annos que a desgraça
Me fere, tyranna e certeira!

Sim, é isto. Ha este tempo
Que eu vivo da caridade
E que sirvo de asco e tedio
Aos olhos da sociedade.

—Mas sinto faltar-me as forças...
E peço a Deus que me mate;
E' terrivel esta lucta,
E' medonho este combate!

—Toma, acceita, disse Antonio,
Dez francos, não tenho mais.
Bem sei que de pouco serve,
P'ra minorar os teus ais.

Só peço que te recordes
Do filhinho que ahi tens,
Olha que é nobre, sagrada
E santa a missão das mães!

Quando sentires que a miseria
De novo a vida te corta,
Lembra-te bem do meu nome
E vae-me bater á porta.

—És o coracão de um anjo,
Generoso companheiro,
O exemplar do operario,
Pobre, leal, verdadeiro!

E Antonio lá foi seguindo
O caminho, soluçando,
Cerrando febril os punhos.
Dizia de vez em quando:

—Maldito seja, oh maldito,
Quem te arrastou a essa vida,
Pobre pomba desnorteada,
Tão profundamente f'rida!

E ella, levando o filho,
Dizia mui suave e sèria:
—Nem a morte já me quer,
Só me deseja a miseria!

Vamos, filho, repousar
P'ra hoje e àmanhã ha pão.
A desgraça quer descanso,
Lagrimas o coração!

—Resta-me a gora esquecer
Cousas que nunca se esquecem...
Resta-me agora matar
Illusões que não fallecem!

E d'rigiu-se p'ro albergue,
Mais branca que o proprio lyrio.
Dorme, martyr, com teu filho!
Dorme, estatua do martyrio!

CAPITULO VI

ENCONTRO DE MARIA COM SEU IRMÃO

Nos tempos em que Maria
Soffreu tanta privação,
Regressava do Brazil
Antonio, seu qu'rido irmão.

Vinha, sadío e robusto,
Viver com seus velhos paes;
Um outro homem e bem posto,
E com grandes capitaes.

Os velhos apaixonados,
Parece sempre que viam
Pedindo esmola com fome
A filha que estremeciam.

Os annos sempre corriam
Paulatinos, sem parar,
E Maria posta em miseria,
Coitadita, a mendigar.

De ver a aldeia de Neplos,
Antonio lembrou-se um dia,
Pois eram taes as bellezas
Que d'esta aldeia elle ouvia.

Quiz levar seus paes comsigo,
Mas os velhinhos, cançados,
Preferiram ficar lá,
Sosinhos, resignados!

O filho preparou tudo,
Despediu-se com carinho,
C'o lenço acenou na estrada,
E lá se poz a caminho.

A Neplos chegou, emfim,
Em bello hotel se hospedou,
E logo lindas paisagens
Com prazer admirou.

Uma tarde, com dois nobres,
Elle aspirava o bom ar,
Quando uma voz lacrimosa
Elle sentiu implorar.

— Uma esmola, meus senhores,
P'lo divino amor de Deus!
Mil bençãos cáiam em vós
E o descanso lá nos ceus!

Era Maria, a mendiga,
Que, no seu peregrinar,
Continuava na lucta
Para o pão angariar.

Antonio pensou na voz. . .
A choa-a dôce e amiga,
Mas seguindo o seu caminho,
Deu dois francos á mendiga.

Comtudo, da sua mente
Nunca mais tal voz sahiu,
E parando, pensativo,
Aos amigos se d'rigiu:

—Senhores, um raro accaso
Se dá comigo, de certo,
E julgo que um triste drama
De mim passou muito perto.

—Qual drama nem meio drama,
Disseram rindo os amigos;
O dinheiro tudo affasta,
Affasta dramas e p'rigos!

—Ouviram aquella pobre,
Tăo faminta, tão franzina,
Que pediu agora esmola,
Ao transpôr aquella esquina ?

—Não é má, disseram elles,
Têmos visto, ás dez, ás vinte,
E' muito commum na aldeia
Vêr a gente uma pedinte.

—Pois sim, mas surprehendeu-me
Seu talhe, os modos, a voz,
Se sabeis a sua historia,
Contae-m'a aqui muito a sòs !

Elles então responderam:
—E' uma filha de enganos,
Que mendiga n'esta aldeia
Ha jà uns bons treze annos

Antonio sobresaltou-se,
Sequioso de ouvir mais,
Pois era o tempo preciso
Que a irmă deixára os pais.

—E sabeis o nome d'ella ?
Perguntou espavorido.
—Maria, disseram elles;
Mas como està commovido !

—A qual das aldeias pertence?
Respondam por caridade,
Desculpem, sou importuno. . .
...Confio em vossa bondade! . . .

—Com muito prazer, senhor,
Do que sabemos saberá,
A pobresinha nasceu
Na linda aldeia de Velois.

—De Velois? . . . oh! obrigado. . .
Qu'impressão que isto me faz. . .
Desculpem, mas retrocedo,
Retrocedo jà p'ra traz! . . .

—Isso é que não. Se consente,
Teremos muita alegria
Em gosarmos, satisfeitos,
Tão amavel companhia!

—Não, perdôem-me, perdôem-me!
Tenho o sangue todo em fel!
A'manhă nòs nos veremos
De manhă, no meu hotel!

Despediu-se dos amigos,
E, muito apressadamente,
Encaminhou-se p'ra esquina,
Onde vira a indigente.

Par'cia um homem fugido
A um crime ou tentação;
Criminoso a esconder-se
A uma investigação!

Como o artista que busca,
Com desvello vêr a arte,
Antonio assim procurou
A pobre por toda a parte!

Recolheu triste ao hotel.
Seu coração palpitava!
A voz do sangue surgia
E essa voz o torturava!

Não parava em parte alguma,
Se par'cia estar em calma,
Procurava-a sem descanso
P'lo menos c'os olhos d'alma!

Na seguinte madrugada,
Os amigos foram vel-o.
Em que estado estava Antonio!
...Custou-lhes a conhecel-o.

—Então, não vem com a gente
Vêr o nosso amigo André?
Ande, distraia, tome ar,
Far-lhe-há bem, temos fé!

Antonio acceita a custo
E sahiu preoccupado !
Par'cia a todo o momento
Ver a mendiga a seu lado !

Chegaram ao seu destino.
E Andrè em delicadeza,
Os convidou a jantar
Todos trez á sua meza.

Muitos brindes se trocaram,
E uma linda allocução
Foi prof'rida por Antonio
Com jovial correcção.

Despediram-se cortezes
E acharam-se em pleno ar,
Quando a mesma voz plangente
Tornou de novo a bradar :

—Uma esmola à pobre mãe,
Que mal pode achar abrigo !
Uma esmola a este filho
Que ella sempre traz comsigo !

—A mesma voz ! . . . gritou elle.
E' ella, não me enganei ! . . .
Será verdade, ou dum sonho
Uma victima serei ?

Maria estava absorta
Por ver um homem tão fino
Caminhar direito a ella,
Quasi como em desatino.

Mas não se reconheceram.
Ella mudada, p'la fome,
Elle as côres já sumidas
Que sempre o Brazil consome!

—Se me não torno incivil,
O seu nome saber qu'ria!...
—Sim, meu rico bemfeitor,
Meu triste nome é Maria!

—E em que aldeia nasceu?
—Em Valois, meu senhor...
—Tem parentes, ou familia?
—Oh! tenho, se viva fôr!

—Perdôe-me, embora do tempo,
N'esta occasião a prive...
Não tem então a certeza
Que a sua familia vive?

—Eu tinha deznove annos,
Quando a deixei p'rum malvado
Que me desprezou depois
Da honra me ter roubado!

—Pobre martyr; como murcha
A flôr que do caule cae!
Diga-me então, por favor . . .
Que nome tinha seu pae?

—Senhor . . . que triste remorso,
Agora sobre mim pousa . . .
Seu nome, senhor . . . seu nome
Era . . . Antonio de Sousa!

E a minha querida mãe,
Maria, Maria de Sousa era . . .
Parece beijal-a ainda
Dos annos a primavera.

—E nunca teve um irmão?
—Mas nunca o tornei a ver:
P'ras terras de santa cruz
De certo foi morrer.

Pobre irmão, tão pequenino,
Desappar'ceu quasi á fome;
Era tão lindo, tão lindo . . .
Antonio era o seu nóme.

Antonio não pôde mais.
A pobre enliou c'os braços
E mais nada então se ouviu
Do que beijos e abraços.

—Maria, Maria, pois és tu ?
O' irmã tão desgraçada,
Em que estado cruciante
Te vejo, irmã adorada !

E como que fulminado
P'rum raio vindo do ceu,
Cahiu immovel por terra,
Cahiu e não se mecheu.

E Maria bradou, louca :
—Antonio, meu qu'rido irmão !
E de joelhos beijava-o,
A face encostada ao chão.

Os companheiros de Antonio,
Estupefactos diziam :
—A voz do sangue não mente,
Seus impulsos não mentiam !

Os caminhantes passavam
E diziam mui commovidos:
—Maria, os teus ais e prantos
Por Deus foram ouvidos !

E ella, sempre de joelhos,
Levantando ao ceu a mão,
Agradecia ao Supremo
Por ver o seu qu'rido irmão.

Antonio tornou a si.
E, trasbordando em ventura,
Disse, abraçado á irmã,
Estas phrazes com ternura:

—Em que miseria tu vives!
Como foste castigada,
Por deixar o lar paterno
E fugir desnorteada !

Melhor fôra que ao nascer
Morresses sendo innocente,
Do que servires de escarneo,
Talvez a muito insolente !

Que tempos, oh! qu'rida irmã,
Que tempos da nossa infancia,
Quando dos beijos da mãe
Nós sentiamos a fragancia!

Quanto melhor não seria,
Que teres passado um terço,
Morrermos em pequeninos,
Deitados no mesmo berço !

Maria, banhada em lagrimas,
Ajoelhada no chão,
Punha as mãos e implorava-lhe
O esquecimento e o perdão!

—Sim, anjo, tens o perdão;
E's digna de condolencia;
Facilmente murcha e cáe
O botão da innocencia.

Mas esse malvado infame,
Origem do teu soffrer,
Nem dos homens nem de Deus
A indulgencia ha de ter!

Odeio-o do fundo d'alma,
E sinto nascer-me a esp'rança,
Que alguem saciará n'elle
A mais completa vingança!

Desejo vel-o morrer
D'uma fórma atroz e dura,
Contorcendo-se e gemendo
Em horrorosa tortura! . . .

Maria, a estas palavras,
Banhada de inspiração,
Disse, contemplando o espaço:
—Sim, para elle a maldição!

De repente, esta tragedia,
Foi de todo interrompida
C'o a vinda d'uma criança,
Formosa, mas mal vestida.

Era um rapaz andrajoso,
De seus doze annos de edade,
Que logo se percebia
Viver da mendicidade.

Rompeu por entre os ouvintes,
Furioso e assustado,
E collocou-se depressa
Ao pé da mãe perfillado.

—Minha mãe, quem t'offendeu?
Diz-me, que quero vingar-te,
E, apesar de ser criança,
Perseguil-o em toda a parte!

—Não é nada, qu'rido filho,
E' a nossa boa estrella !
Eis teu tio, e a f'licidade
N'elle agora podes vel-a !

—Teu filho? Exclamou Antonio.
—Sim, a minha doce esp'rança,
Alivio das minhas dores,
Do meu penar a bonança!

O irmão comprehendeu
Que o infame seductor
A abandonara, deixando-lhe
Um fructo do seu amor!

E com odio concentrado,
Beijando a face á creança,
Disse, abraçando Maria:
—Juremos todos vingança!

E de frente bem erguida
Foram, paulatinamente,
Os tres para o mesmo hotel
Repousar suavemente.

CAPILULO VIII

IDA DE MARIA PARA SEUS PAES

Raiou bella a madrugada,
E o cantar do rouxinol
Festejava, alegremente,
A limpida luz do sol.

Foi Antonio despedir-se
Dos seus amigos sinceros,
Mostrando a alegria d'alma
Com todos os reverberos.

A Maria e ao sobrinho
Comprou vestes aceadas,
As outras, as da miseria,
Foram p'ra sempre olvidadas.

Eram seis horas em ponto,
E uma brisa delicada
Afagava da papoula
A petala carminada.

O regato murmurava,
O trigo ondulava manso,
A amenidade campestre
Dizia : vida com descanso.

Muito alegres caminhavam
Os tres que a ventura achou,
Porém, ao chegar ao monte,
Maria mui triste parou.

Sua vista mergulhou-se
Em toda aquella amplidão,
Como lembranças longiquas
Nos dóem no coração !

Como ao fim de tantos annos,
Parece vermos surgir
Uma magua, um desalento,
Que julgámos não mais vir !

Antonio, vendo a irmã
Tão triste, parada e fria,
Perguntou-lhe meigamente
Qual o pezar que sentia.

—Foi aqui, respondeu ella,
Onde amarguras passei,
Foi aqui onde tres noites
As estrellas contemplei!

Esta montanha deserta
Foi meu leito e alimento,
Deitava-me sobre as folhas,
Nas ervas tinha o sustento.

D'aquelle regato puro
Que corre alèm . . . além, vêde!
Foi ali que mitiguei
Muitas vezes minha sêde!

Quando o vento assobiava
Por entre os troncos do pinho,
Eu era a ave 'inda implume
Sem paes, sem calor, sem ninho!

Quando o sol quente, abrazado,
Sobre mim vinha bater,
Eu era o verme perdido
Sem cova onde se esconder.

Quando ao longo o lobo uivava,
Eu tremia de gran pavor,
Era a ovelha isolada
Sem aprisco nem pastor!

Eu via nas aves carinho,
Nos insectos affeição,
Nas plantas a innocencia,
Mas em mim a perdição !

Quando o filho de Maria
Ouvia da mãe taes queixumes,
Todo o seu corpo vibrava,
Seus olhos eram dois lumes.

—Mãe ! oh ! mãe, á fé lhe juro:
Aquelle que a fez penar
Ha de ver como estas mãos
O punem sem vacillar !

Antonio com um suspiro
Apenas pôde dizer :
—Ponto agora no passado,
Não temos tempo a perder !

Chegaram ao fim de dias
A' Valois sorridente,
Berço qu'rido de Maria,
Que a embalou docemente.

Treze annos ! . . . oh como o tempo
Passa veloz na carreira !
Como a vida ao par'cer longa
E' ephemera, passageira !

Havia, portanto, treze annos,
Urdidos em negra teia,
Que Maria abandonara
A sua tão meiga aldeia.

'Stavam um dia os velhinhos
Pensando na filha cara,
Quando uma voz infantil
Bradou com voz muito clara :

—Que vejo ? E' o senhor Antonio.
Vem longe ! Conheço-o, creio;
Vem elle mais duas pessoas . . .
E' elle, é elle, já veio !

Das cadeiras seculares
Os velhos se ergueram logo,
E correram para a porta
Com o olhar como fogo !

—Qu'rido filho, até que emfim,
Outra vez junto de nós;
Que falta que nos tens feito,
Tão tristes, sombrios e sós !

Maria e tambem o filho
'Stavam atraz do irmão,
Presa da dôr mais cruenta,
Da mais viva commoção !

—Uma mulher e um homem?
Disseram os paes ao filho.
--Sim, meu pae, e estes entes
Vão-nos dar um novo brilho!

Maria, encarando os paes,
Nem explicou seu sentir,
E segurou-se ao seu filho
Para no chão não cahir.

E os velhos continuaram:
—O quê quer essa mulher?
E esse rapaz tão lindo
Quem será tambem, que quer?

—Não os conheceis? disse Antonio
Apresentando-os aos paes.
Affirmae-vos bem p'ra elles . . .
Olhae, olhae inda mais!

Pois esse amor maternal
Que em vosso peito fervilha
Não tem o poder de ver
N'esta martyr vossa filha?

—Minha filha! Oh! santo Deus!
Disse o pae desfallecido.
E apertando muito o craneo . . .
Sorriu! Tinha endoidecido! . . .

A mãe, infeliz velhinha,
Soltou um grito de dôr ;
N'este grito traduzia-se
O espanto, ancia, amor !

A face quasi sanguinea,
Um olhar amortecido,
Ora contemplava a filha,
Ora olhava p'ro marido !

—Lá, lá está minha filha,
Dizia o louco, coitado,
Tão triste, faminta, pallida,
D'um pão pedindo um boccado!

Como ella chora por mim . . .
Agora, lá vae correndo . . .
Cae uma estrella do ceu . . .
Vae-a queimando, comendo !

Tem frio, lá treme, tem fome . . .
Olha as faces denegridas . . .
E' a côr que teem as faces
Das filhas que andam perdidas !

E de olhar frio e cortante,
Como o cortante estilete,
Em convulsa gargalhada
Despedaçou o collete !

—Ah! meu pae, que endoideceu!
Disse Antonio, lacrimoso.
E o velho lá foi p'ro quarto
Gritando e rindo, furioso.

Maria, muda qual estatua,
Balbuciar mal podia:
—E' horrivel, muito horrivel,
De meu pae tal agonia!

Que faço no mundo, oh! Deus!
Qual será meu triste fim?
Suspendei a vossa colera,
Volvei os olhos p'ra mim!

Se pequei, creio que a culpa
'Stá paga c'o meu castigo,
Senão ouvis minhas preces,
Onde posso achar abrigo?

Matae-me, Senhor, matae-me,
Suspendei-me d'este inferno!
P'lo vosso grande poder,
P'lo vosso poder d'Eterno!

Alberto, o filho da pobre,
Ao ouvir tal petição,
Abraçou-a estreitamente,
D'encontro ao seu coração!

—Desejaes a morte, mãe?
Vosso soffrer é profundo!
Mas o que ha de ser de mim,
Ficando sò n'este mundo?

—Ah! filho, estavas ahi?
Perdôa o meu desabafo!
Mas parece que suffoco,
Oh! sinto, sinto que abafo!

Ouviste isso! Agora attende:
Meu soffrer é mais activo.
E' dos taes que não se offusca
Sem achar o lenitivo!

—Eu sou creança, bem sei,
Porém, sinto que o peito arde
E esta chamma só se apaga
Com a morte de um cobarde!

A's vezes n'uma maçã
Tão formosa e carminada,
Nós vemos um ponto negro,
Pequenino, um tudo nada!

'Stá maior d'ahi a dias,
Depois 'inda mais cresceu,
E a pobre fructa affectada,
Engelhada apodreceu!

Vede, mãe, que se ao principio
Se cortasse na maçã
Aquelle pontinho negro . . .
A fructa ficava sã!

O exemplo é bem frisante:
A fructa sois vós, mãe qu'rida,
Eu, cortando o ponto negro,
Salvar-vos-hei vossa vida.

Esse ponto é o infame
Que, emfim, vos foi affectar,
E crede, por vossa vida,
Que um dia o hei de matar !

E se alguem, seja quem fôr,
Se atravessar no caminho,
Ai d'elle se, peito a peito,
Um dia o pilhar sósinho!

A mãe, ao ouvir taes phrases,
Elevou a vista aos ceus
E respondeu com brandura:
—O castigo dá-o Deus!

Mas a Alberto parecia-lhe
Tudo sangue em seu redor
E jurou, muito p'ra si,
Ser da mãe o vingador !

Quando a mãe da desditosa,
F'rida como por um raio,
Voltou a si do torpòr,
Que mais par'ceu um desmaio;

Procurou, c'um olhar avido,
O seu velho companheiro;
E, não o vendo, tremeu
Pelo seu fim derradeiro.

—Teu pae onde està? Fugiu?
Vamos, filha, não respondes?
Falla, falla, que me assustas,
Ou a desgraça me escondes !

Só lagrimas em resposta;
Falla, filhinha, não chores,
Não vês que estou anciosa?
Depressa, não te demores!

O silencio de Maria
'Inda a mãe mais contristava,
E um tremor quente, convulso,
Todo o corpo lhe abalava.

—Perdão ! Perdão, minha mão.
Que desgraça aconteceu !
Não tenho forças . . . meu pae . . .
Qu'rida mãe . . . enlouqueceu!

E ao dar esta triste nova,
Correu os olhos sem brilho
E cahiu desfallecida
Nos braços do pobre filho !

—Doudo ? Que ouço, grande Deus!
Oh ! filha, que inf'licidade!
Como o Senhor nos castiga
Sem dó nem piedade !

E levantando-se rapida,
Pela alcova penetrou
E ali, n'um canto escuro,
Seu pobre marido achou !

O louco, em riso convulso,
Mordia os braços, as mãos,
Chamando os mortos, os vivos,
Seu pae, a mãe, os irmãos !

Como se pôr em relevo
Uma tão lugubre scena?
A inspiração nos foge . . .
E vemos partir-se a penna !

CAPITULO IX

MORTE DE MARIA

Maria, vivendo agora
Na companhia de seus paes,
Soltava de vez em quando
Tristes suspiros e ais.

Lembrava-se ser a causa
Do velho auctor de seus dias
ter, inf'liz, enlouquecido
E jazer em agonias.

E' que o remorso é a fonte
Que só miasmas emana;
E' a vibora maldita
Que sempre corroe tyranna !

E' uma febre moral
Que entristece, que definha,
Que apodrece o coração,
Quando em seu seio se aninha!

Suas côres já fugiram
Seu semblante s'tava velho,
Tampouco se conhecia
Se elle se visse ao espelho.

De Maria o pobre estado
Sómente infundia terror.
E as faces esverdeadas
Tinham o stygma da dör!

Os braços seccos, sumidos,
Respiração offegante,
Os labios intumecidos
E o coração palpitante.

—Ai, meu filho, dizia ella,
Quando a bala dá nas corças
Sentem o mesmo que eu sinto:
Abandonarem-me as forças!

De estar sempre aqui sentada,
Sinto o corpo já 'star farto;
Dá-me o braço, qu'rido filho,
Conduz-me ali, ao meu quarto!

Alberto comprehendeu
Que sua mãe peorava
E tudo o que ha n'este mundo
Febril amaldiçoava!

Paes de Maria, e irmão
Appar'ceram de repente
E a mãe, chegando-se á filha,
Segredou-lhe, brandamente :

—Cessa, filha, de chorar
Que o pranto maguas alenta,
Lagrimas d'essas são caustico
Que nos suga e atormenta!

O pae, ao chegar-se á filha,
Devorou-a com o olhar
E, arrancando os cabellos,
Punha-se a rir e a chorar !

—Mãe, oh mãe, conduz-me ali,
Vendo o pae, sinto tal dôr
Que se o senhor me matasse,
Para mim era melhor !

—Minha filha, empallideces.
Que tens, amor? Transida!
Pareces a moribunda,
Só p'rum fio pegada à vida!

—Sinto acabarem-se os males,
Vejo-os fugirem além . . .
Não sinto a minima dôr,
Nada sinto, minha mãe!

N'este mar encapellado,
Sou feliz, resta-me a esp'rança
Que n'esta grande tormenta
Irei encontrar bonança.

A velha ao ouvir a filha,
Tăo triste fallar assim,
Ao peito levou as mãos,
Pensando n'um triste fim.

E Alberto guiando a măe
P'ra sua alcova tăo bella,
Era uma estrella guiando
Com sua luz outra estrella!

Maria, ao entrar no quarto,
Tăo ricamente adcrnado,
Pairou-lhe nos labios brancos
Um sorriso desmaiado.

—Será então n'esta cama
Onde deixarei a vida?
Serà aqui que o meu corpo
Descançarà d'esta lida?

Será n'ella que a materia
P'ro lado cairà inerte,
E que a alma suba, suba . . .
Por mais que ao corpo se aperte ?

Depois, n'um grito estridente,
Que na familia eccoou,
Seu corpo leve qual penna,
Brando na cama poisou !

Alberto, desfeito em pranto,
Queria seu avô retirar,
Mas o louco, persistente,
Murmurava a bracejar :

—Vês, minha filha, bandido ?
Contempla a tua conquista !
Marca mais uma victoria
Na tua avultada lista !

Marca, marca, Deus tambem,
No seu marcar sempre eterno,
Jà te lá tem bem marcado
O teu logar no inferno !

E, sahindo com o filho,
Foi n'um lucido lampejo
Que se virou para traz
E á filha atirou um beijo !

Passaram-se assim os dias,
Sempre na triste incerteza,
A' espera que a morte atroz
Lançasse as garras à preza !

Uma tarde, a desgraçada,
Esta filha do martyrio
Chamou p'lo filho, p'la mãe,
Mergulhada n'um delirio :

—Meu filho, já vejo o fim
De tão pedregosa estrada.
Que frio, que sopra da campa . . .
Já tenho a lingua gelada !

Vem, sim, vem, oh morte amiga !
Fere, acaba, finalisa,
Deixar os meus, oh ! deixal-os,
E' só isso que me piza !

Uma convulsão de tosse
Fel-a p'ro lado pender;
As lagrimas, que lagrimas !
Corriam e a bom correr !

N'isto, uma voz commovida,
Suave, se ouviu na alcova :
—Cesse, Maria, o seu pranto,
Não se afflija nem se mova !

Era Vasco, o bom doutor,
Homem honrado e prudente,
Que com o maior disvello
Vinha auscultar a doente.

Tomou-lhe o pulso, escutou-a,
Tacteou-lhe o coração,
Descobriu-lhe bem as palpebras
Com escrup'losa attenção.

Depois, murmurou baixinho,
Como fallando comsigo :
—Sua magreza inquieta-me,
E' grave . . . Enorme o perigo !

Um grande golpe moral
Vibrou-lhe aquelle organismo,
A fome. . . miseria. . . o resto. . .
Eis o triste realismo ! . . .

—Doutor, exclamou Antonio,
Salve-a, p'los anjos dos ceus !
—Senhor Antonio, sou homem. . .
Aqui o medico é. . . Deus !

Agora, ao deixal-os sós,
Tenho, como obrigação,
Receitar a todos vós
Só isto : *resignação* !

Alberto depoz um beijo
N'aquellas faces de dôr,
E sahiu, acompanhando
A seu tio e ao doutor.

Apenas a pobre mãe,
Sósinha, c'o a moribunda,
Apertou-a junto ao peito,
C'o a ternura mais profunda.

—Oh filha, filha, não môrras
Vive para o nosso amor !
Não queiras morrer tão cedo
Tem fé, tem no Senhor !

—Escuta, mãe, não receies !
'Stá proximo o cataclysmo . . .
Melhor é salvar-se a gente
Do que viver n'um abysmo !

Agorá, o perdão de todos . . .
O ultimo ether que acalma . . .
Refrescará p'la vez ultima
As ardencias de minh'alma !

Só um desejo contém
Este corpo jà funério :
E' uma campa com flôres
N'um canto do cemiterio !

E silenciosa, inerte,
O seu rosto cadaverico
Sorria tão puro e tão dôce,
N'um desabrochar angelico!

—Alberto...meu qu'rido filho!...
Meu pae... minha mãe...irmão!...
Adeus...para sempre... qu'ridos!...
A todos... peço... perdão!...

E o ultimo som da vida,
Plangente, sêcco, cortado,
Transformou-se n'um suspiro...
Maria havia expirado!

Toda a familia no quarto
Via a triste realidade!
Reinava um silencio lugubre
Ao pé da Eternidade!

Só apenas do relogio,
Que tão bem nos conta a vida,
Se ouvia a pendula triste
N'esta mansão dolorida!

Por fim, Alberto, apoiando-se
A' umbreira d'uma porta
Gritou, sem poder suster-se:
—Minha mãe! Oh! morta...morta!

—Filha, filha, que te fôste!
—Irmã, qu'rida irmã, adeus!
Se os martyres teem a palma,
Tu tens palmas e tropheus!

E o louco, no chão sentado,
Olhava p'lo quarto fóra...
Cantarolando baixinho:
—"Minha filha vive agora."

Ponto final sobre o quadro.
P'ra que descrevel-o mais?
As tintas tornam-se em sangue,
E os pinceis em punhaes!

Capitulo X.

Visita ao Cemiterio.

A Vingança.

Depois da morte a Maria
A cova lhe ter aberto,
Só atroz idèa vingava
No nosso infeliz Alberto.

E essa idéa aterradora,
Transformada em persev'rança,
Era uma sêde, era o odio,
Era tudo . . . era a vingança!

De noute, sonhava tremulo,
(Como a gente ao crime vae!!)
Que apunhalava, feliz,
Fernandes, seu proprio pae!

E soltava alegres gritos,
Ao vel-o cahir exangue,
E lavava, sequioso,
Às mãos no seu proprio sangue!

Não sei se caberá aqui,
Uma rubrica importante:
"E' bem p'ra punir um crime,
Que outro crime se levante?"

Não será maior castigo,
Para o homem ficar replecto,
Em vez de manchar as mãos,
Dar um desprezo completo?

Pois o amor filial,
Vingando a morte da mãe,
Ha de ir matar outro ente
A quem deve o ser tambem?

Se essa mãe fosse a origem,
De ter succumbido o pae,
Decerto assassinaria
A mãe n'um sopro, n'um ai!

Portanto, deixa de haver
A um e outro affeição,
Pois que a ambos mataria
Em egual situação!

Mas, Alberto assim pensava,
(E o pensar é leviano)
Condemnando o pae à morte,
Desappar'cia um tyranno!

Assim, um dia sabendo elle,
Que, pr'um logar isolado,
Seu pae passaria à noite,
Ficou como allucinado.

Muniu-se soffregamente
De um fino punhal, cortante,
E d'rigiu-se ao cemiterio,
Pallido, frio, palpitante!

'Stavam as grades fechadas
E Alberto não poude entrar.
O portão era muito alto
Para se poder saltar.

Comtudo, esp'rou pela noite,
Medindo da porta o centro,
E trepando lentamente
Lá poude saltar p'ra dentro.

Alguma luz das estrellas
As sepulturas beijava;
Foi Alberto ajoelhar
Sobre a campa onde a mãe 'stava.

N'uma louza pequenina
Lia-se em letra bem rasgada:
Dorme aqui o somno eterno
Maria, a desventurada.

—É aqui, suspirou elle,
Onde eu dormirei tambem;
E' aqui que jaz dormindo
A minha querida mãe !

Aqui me escondes, ó anjo,
Teu afago e teu carinho,
Que estão aromatisando
As flôres de resmaninho !

Levantem-se d'essas campas,
Ao pé de cada cypreste;
E todos digam se tinham
O martyrio que tiveste ! . . .

Oh ! deixae-me, mãe das martyres,
Chorar, sim, que te quiz tanto;
Deixa que te regue a campa
Com o meu ardente pranto !

Certamente, auréola santa
Na tua fronte repousa;
Deixa beijar-te, mãesinha,
A tua gelada louza !

Dá-me a tua inspiração
E da tua virtude o brilho;
Diz-me . . . aponta-me o caminho,
Que deve seguir teu filho!

E' hoje esse dia marcado
P'ra me vingar . . . Sou feliz!
E diz-me uma voz secreta
Que foi Deus que assim o quiz

Oh! mãe . . . a terra é pezada?
Tambem me é pezada a dôr;
Adeus, adeus, minha mãe,
Adeus, meu unico amôr!

Eis bateram as onze horas
Lá n'uma torre affastada;
Alberto correu ligeiro
Qu'rendo engulir a estrada.

Chegando breve onde o pae,
De certo, devia passar,
Um lampejo de alegria
Nova côr lhe veiu dar.

Era uma ermo solitario,
Medonho, escuro, sombrio.
Só carrasqueiros, carvalhos,
E um silvado bravio.

Esperou, cosido à terra,
O tão desejado instante,
Escondendo no seu seio
Comprido punhal, cortante!

Aproximou-se o momento,
Era a hora da vingança.
Um vulto muito embuçado,
Com mil precauções avança.

Alberto, em anciedade,
Quando o pae lhe passou rente,
Deslisou-se d'entre as sebes
E poz-se na sua frente!

—Nem mais um passo, traidor,
Temos contas a ajustar!
Fernandes estremeceu.
Mas poude emfim perguntar:

—Que qu'reis de mim? se é dinheiro
Roubae-m'o. Aqui vos espero.
—Não quero dinheiro, infame,
A tua vida é o que eu quero!

—A minha vida p'ra que?
Que offensa vos tenho feito?
E Fernandes já sentia
Grande oppressão sobre o peito.

Ladrão ! Que mal me fizeste ?
Cumulo de hypocresia !
Lembras-te ainda, assassino,
D'aquella infeliz Maria ? . . .

—Maria ?. . . Lembro-me, de facto!
E valha agora a verdade,
Fernandes sentira na alma
O remorso, a saudade.

—Lembras-te, sim, dizes tu,
Miseravel, seductor !
E, puxando um bráço ao pae,
Continuou com rancor:

—Lembras-te, sim, da pobrinha,
A quem a honra roubaste
E como ladrão covarde
Para o charco a arremessaste.

Aquella que tão feliz
No seio da familia era,
E a quem mordeste feroz,
Muito mais f'roz que a panthéra !

Infame, ladrão da honra,
Pensavas não appar'cer
Um vingador ? Puro engano !
Eis aqui um . . . Jà vàs ver !

Sou eu, sou. Soou tua hora!
Estas mãos de sangue intactas
Vão hoje ficar vermelhas
N'essas carnes putrefactas!

E' crime, conheço bem,
O tribunal . . . accommode-o!
Quero que o teu sangue impuro
Me venha apagar o odio!

—Mas quem sois? disse Fernandes.
Ou sois espectro fatal,
Ou o monarcha do crime,
Ou o demonio do mal!

—Sou Alberto, sou o filho
Da desgraçada Maria . . .
—E's o filho d'essa infeliz?
E vosso pae quem seria?

—Ainda o perguntas, monstro?
Coração gelido . . . cru!
Meu pae, o rei dos infames,
E's tu, miseravel . . . tu!

—Que tentas então fazer?
Matar-me, não é verdade?
Perdôa-me, antes, meu filho,
Alberto, tem piedade!

Mas Alberto nada ouvindo,
Fulminado p'la paixão,
Trespassou o peito ao pae,
Furando-lhe o coração !

—Ah ! traidor que me mataste,
Deus te dê do crime as fezes !
E Alberto, agarrado a elle,
Apunhalou-o tres vezes !

Depois, olhando p'ra si,
Sorriu-se com lentidão.
Sentiu saciada a alma
E mais leve o coração.

Quando a casa recolheu
E que tudo á avó contou,
A velhinha, muito triste,
Isto lhe prophetisou :

—Vás preso, meu neto qu'rido,
Sua benção Deus te ponha;
Mas vás pensar, certamente,
Em negra prisão, medonha !

—Qu'importa ? Cumpra-se a lei.
Se a cabeça fôr cortada,
Dirà fóra do meu corpo :
"Minha mãe, estás vingada ! "

CAPITULO XI

A Prisao

Na seguinte madrugada,
De Alberto o crime hediondo
Espalhou-se em toda a aldeia
Com surpreza e estrondo.

Os habitantes pacatos
Até mudaram de côr,
Pintavam-se nos seus rostos
As grandes provas de horror.

Uns conversavam tranquillos;
Outros, c'um modo odioso,
Apontavam com o dedo
Para o local horroroso.

Alberto 'inda quiz fugir
A's garras da auctoridade;
Depois reconsiderou
Ir de expontanea vontade.

Assim foi e despedindo-se
De sua avó e seu tio,
Foi entre quatro soldados,
Pallido, mas firme e frio.

Confessou tudo ao juiz,
Sem a mais leve expansão,
Até que foi condemnado
Em vinte annos de prisão.

Mas nos carc'res mais horriveis,
Subterraneos e sem luz,
Para do pobre prisioneiro
Ser mais pezada 'inda a cruz!

Decerto que ali a morte
Seria mais lenta e terrivel,
Crivada de mil torturas,
D'um soffrer indefinivel.

Alberto, assim que chegou,
Junto aos muros da prisão,
Parou p'ra medir c'os olhos
A sua situação.

Mas com quatro coronhadas
Foi obrigado a partir.
Era o primeiro supplicio
Que começava a sentir.

Là chegado, o carcereiro,
'Inda mais duro que as traves,
Fez uma bulha estridente
C'o molho das feras chaves.

Depois abriu uma porta,
Com tres pés e meio d'altura,
E apontou-lhe para ella
C'uma fria desenvoltura.

O preso entrou lá, submisso,
Mas de dôr deu um gemido,
Por ser em vida enterrado
N'um carcere amortecido.

—E' aqui que vou cumprir,
Senhor, a minha sentença?
Sem de ver a luz do sol
Ao menos ter a licença?

Aqui estarei vinte annos,
Enterrado, sem ter ar,
A velhice passarei,
Sem ao menos respirar?

—Não é aqui, disse o velho,
Com um sorriso sardonico;
E' no carc're, cá em baixo,
Torna-se mais economico . . .

—Oh! senhor, isso è terrivel ;
Pois debaixo d'este chão
Pode pulsar livremente
Nosso pobre coração ?

—Não sei, amigo, não sei ;
Sò exerço o meu mester.
O mandado diz assim :
"Pr'à prisão peor que houver."

—Qu'infeliz sou, ó meu Deus,
Soffrendo taes privações !
—Vá, disse um guarda, adiante!
E levou-o aos encontrões.

Caminharam alguns passos,
E outra porta se abriu,
Impelliram-no p'ra dentro
E onde estava mal viu!

Não havia lá uma fresta
D'onde uma luz emanasse.
O ar impuro era fetido . . .
Mal de quem o respirasse.

Uma lampada mortiça
Pendia do tecto aquoso,
Nas paredes, verdes limos,
D'um tom baço e asqueroso.

Um molho de palha infecta,
Ia ser de Alberto a cama,
E uma bilha cheia d'agua
Repousava sobre a lama.

E o carcereiro sahiu,
Sem mesmo pestenejar,
Deixando o inf'liz Alberto
De desespero a chorar.

Deitou-se então sobre as palhas,
Cerrando os olhos inchados,
E viu que era o mais infimo
De todos os desgraçados.

Depois d'um certo pensar,
Disse, corajosamente:
--Estou, emfim, resignado;
Vinguei a mãe innocente!

De repente sentiu passos,
Sentou-se, cheio de esp'rança,
Que é como uma luz celeste
Que os desgraçados alcança.

Levantou-se, contrahindo
A fraca respiração.
C'os olhos fitos na porta,
Esperava a redempção!

—Não me engano. Sinto passos.
Como infundo piedade,
Será algum bemfeitor
Que me traz a liberdade?

Engano! Era o carcereiro
Que, abrindo a enorme porta,
Trazia um prato de folha
Com uma borda já torta.

—Eis aqui seu alimento.
E sem lhe dar mais respostas,
Contemplou-o ferozmente
E depois virou-lhe as costas.

—Que homem feroz, disse o preso,
Que olhar de tigre esfaimado!
Que coração tão perverso,
Que estado d'alma, que estado!

Alberto um dia, já cançado,
Chegou atè, em demencia,
Tentar, louco e desvairado,
Contra a propria existencia!

P'ra isso, correu, furioso,
Contra a porta da prisão,
P'ra despedaçar o craneo.
Mas faltou-lhe a força então!

—Matar-me? Pois não hav'rà
Quem soffra tanto como eu?
Quem soffra com paciencia
Essa cruz que Deus lhe deu?

E n'estas alternativas,
Alberto ia, assim, vivendo,
Quando uma ideia terrivel
Lhe foi na mente crescendo.

Projectou assassinar
Seu terrivel carcereiro;
Vestir depois o seu fato
E fugir do captiveiro.

Occulto atraz d'uma porta,
Como o tigre, esp'rou a presa,
E quando o velho ia entrando,
Saltou-lhe com ligeireza.

—Miseravel, vou matar-te;
Só Deus te pode salvar!
E agarrando-lhe as guellas
Ia já com força apertar.

Mas uma tranca de ferro,
Mal encostada, cahiu
Apanhando-lhe a cabeça,
Um fundo golpe lhe abriu.

Alberto cahiu sem tino
Sobre o humido lagedo;
E o carcereiro fugiu,
Fechando a porta com medo.

CAPITULO XII

HISTORIA D'UM PRIRIONEIRO

Por horas jazeu Alberto
Sobre o solo, desmaiado,
Mais pallido que um cadaver,
No proprio sangue banhado.

Por fim descerrou os olhos,
Olhou em volta, ninguem,
E chamou, vertendo pranto,
O santo nome de mãe.

—Onde estou, dizia o pobre,
Porquê não vens, liberdade,
Não mereço compaixão,
Cuspiu-me a sociedade?

Mas um gemido plangente
Alberto par'ceu ouvir,
E um soluço prolongado,
Seus ouvidos veiu ferir.

—Se fosse algum companheiro,
Disse, apurando o ouvido;
Ouviu então, mais distincto,
Um outro triste gemido.

--Quem és tu ? Se és, como eu,
Um captivo, um desgraçado,
Falla, porque estas a mim
Pelo mesmo nó ligado.

Desabafa as tuas maguas,
E' o nosso unico bem;
Desabafar amarguras
Quem desventuras só tem !

Um choque se ouviu, profundo,
Como de um corpo que cae,
E uma voz desfallecida,
Como de uma tumba sae.

—Não posso chegar á porta . . .
Que profundas leis, fataes !
—Ha quanto tempo está preso ?
—Ha trinta annos, para mais . . .

—Que idade teria então,
Quando aqui o encerraram ?
—Tinha dezoito a vinte annos,
Quando os males começaram.

—E que crime praticou ?
Conte com exactidão,
Companheiro da desgraça;
E' inda mais do que irmão !

Calou-se o preso um minuto,
E mal que alento tomou,
Mui suave e tristemente,
A historia continuou.

—Tinha eu, creio, dezoito annos,
E deveras fascinado
P'la belleza de uma joven
Fiz-me d'ella ser amado.

Mas ella tinha um irmão,
Altercador, insolente,
E um dia tentou matar-me
Diante de muita gente.

Combati alguns minutos,
Até que com uma faca
Me fez uma immensa f'rida,
Que ainda hoje se destaca !

Acudiram-me. Eu jurei
Do cobarde me vingar,
E uns seis mezes depois
Lá o fui assassinar.

Pensei fugir à justiça,
Depois da morte ter feito,
Mas breve m'arrependi.
Entreguei-me satisfeito.

Era pobre, condemnaram-me
Os meus juizes tyrannos
A estar aqui encerrado
Por cincoenta e oito annos!

Aqui tem, meu bom amigo,
A minha completa historia;
Tenho-a sempre bem patente
Nas paredes da memoria.

Como é triste tanto tempo
Sem vêr o sol, nem o dia,
Sem vêr mundo, familia,
Nem a mãe que nos sorria!

Muitas vezes tive ideia
De na fome achar abrigo,
Mas o instincto da vida
Sempre luctava comigo!

Fiz algumas tentativas,
Mas a coragem faltou,
E agora, resignado,
C'o a minha sorte já 'stou!

'Stava aqui a narração,
Quando uns passos compassados
Se ouviram no corredor,
Duros e cadenciados.

Alberto foi-se depressa
E occultou-se com cuidado,
Quando viu abrir a porta,
O carcereiro damnado.

Trazia quatro soldados
E uma grossa cadeia,
assim ligaram Alberto
Como dentro de uma teia!

Depois de todos sahirem,
Ao vêr-se assim algemado,
Tentou arrombar a porta,
Furioso e indignado.

Malvados, barbaros, vis,
Enganadores, farçantes,
De tudo teem inventado,
Só p'ra f'rir os similhantes!

Chamou pelo companheiro,
Mas resposta não ouviu;
E' escutando á fechadura,
Um gemido então sentiu.

Era o ultimo, o da morte
Do seu irmão da desgraça;
Tinha-lhe chegado a hora
De esgotar a fatal taça!

— Até este infeliz homem
Para mim já se acabou!
Depois deitou-se, dormiu,
E com sua mãe sonhou.

Mas, de repente, acordou
E se levantou, agitado;
Porèm não via nada, nada,
Tinha-se a luz apagado.

—Minha mãe, ó minha mãe!
Onde estâs, que te não vejo?
Acode ao teu pobre filho
Com um ultimo lampejo!

Depois atirou-se ao chão,
Delirante, fulminado;
Parecia ver negras sombras
N'um clarão afogueado.

Par'ceu-lhe que via o tio
Com a maior gravidade
Entregar-lhe, satisfeito,
A carta de liberdade...

Ergueu-se, cheio de esp'rança,
P'ra abraçar o tio amado,
E bateu com a cabeça
No portão aferrolhado.

E bastante atordoado,
Como ebrio andou instantes,
'Té que cahiu sobre a cama,
Cheio de dôres cruciantes.

Depois, ao voltar a si,
Apalpou-se, viu-se f'rido,
Sem se lembrar como tinha
Tal f'rimento recebido. .

Depois lembrou-se de tudo,
E pediu, chorando, à morte
Que acabasse p'ruma vez
Com aquella triste sorte.

E cerrando os olhos baços,
Já c'o as forças a faltar,
Sentiu que o Deus dos mortaes
D'elle se iria já lembrar.

CAPITULO XIII

A LIBERDADE !

Liberdade, som divino,
Que tudo sabe cantar;
A fera canta nos bosques,
E a ave fendendo o ar!

Liberdade, ó ether d'alma!
Marco que senão attinge,
Rainha da naturéza;
Incomprehensivel sphynge!

Brado qus até o insecto
O festeja ao meio dia;
Como os viventes te adoram,
O' soberana da harmonia!

Liberdade, foi a voz
Que Alberto, o śoturno monge,
Ouviu, bella, intelligivel,
Ecoar lá muito ao longe!

Então, erguea-se das palhas,
E a voz, com vivacidade,
Vinha dizendo mais perto:
Liberdade! Liberdade!

—Quem sabe? talvez que venha
P'rum desgraçado, como eu;
Deus, condoendo-se d'elle,
Aliberdade lhe deu!

Oxalá que vós, ò martyres,
Sejaes soltos e felizes,
Jă que năo posso mais ver
Do sol os bellos matizes!

E sobre as infectas palhas,
Entăo cahiu resignado,
Pois quando o mal é sem cura,
Tudo 'stá finalisado!

Antonio, o tio de Alberto,
Trabalhou em bom caminho
Para conseguir fazer
Uma surpresa ao sobrinho!

No fim de cinco minutos
Com a maior commoção,
Antonio tinha transposto
D'aquella porta a prisão.

A' frouxa luz da candeia,
Alberto a cabeça ergueu,
E vendo então aquelle homem,
Logo p'ra elle correu.

Mas não lhe veiu à memoria
Que fosse seu qu'rido tio;
Pensou ser um condemnado
Que a vida tinha p'rum fio.

—Que prisão medonha, escura,
Para ti, ó desgraçado!
Disse o tio, triste e sincero,
Com o peito retalhado.

E o carcereiro, ajudando
A erguer-se o pobre Alberto,
Disse-lhe até jovial,
N'um sorrir franco e aberto:

—Prisioneiro, aqui està
Quem te pretende fallar!
O martyr ergueu os braços,
Como p'ro espaço apalpar!

—Senhor, o que quer de mim ?
Abreviar-me esta sorte ?
Se é a morte que me daes,
Dae-me depressa essa morte !

Antonio, p'ra disfarçar
O seu papel tão honroso,
Disse, grave e delicado,
Com o seu modo bondoso:

—Foi-me hoje dada licença
Para ver estas prisões
Afim de estudar de perto
Dos presos as commoções.

Se as minhas sinceras phrases
O consolam, desgraçado,
Permitta que eu permaneça
Uns instantes a seu lado.

—Oh ! que bondade, senhor,
Disse Alberto ajoelhando,
As mãos do anjo da paz
Eu estou agora beijando !

Veja, senhor, a tortura
Que os homens dão aos irmãos;
Construindo estas masmorras
Pelas suas proprias mãos !

Em vez de rehab'litarem
Os crimes com bons exemplos,
Levantam prisões medonhas
E mandam rezar nos templos . . . .

A isto chamam justiça;
A isto chamam direito;
Dão as cadeias ao homem
P'ro homem ficar PERFEITO !

E muitas vezes, senhor,
Esse RECTO magistrado
E' que deveria ficar
No logar do condemnado

— E' horrivel, disse Antonio.
Que crime n'alma lhe cae ?
E Alberto disse, baixinho:
— Assassinei o meu pae!

— Vosso pae ? gritou o tio,
Fingindo-se admirado.
Vossa dôr deve ser grande,
Ante um tão grande peccado !

— E' grande, senhor, é grande,
Mas meu pae foi um traidor,
Que deshonrou minha mãe,
Fingindo ligar-lhe amor.

Matei-o! Fiz mal, conheço!
Deus deu a vida e a tira;
Mas p'ra se vingar a mãe,
O filho ás vezes delira!

Minha mãe passou miseria,
Fome, frio, nudez, deshonra;
Antes quiz ver meu pae morto
Do que minha mãe sem honra.

Pois vêl-a na campa fria,
P'los desgostos fulminada,
E o carrasco que a matou
Em vida alegre e doirada?

Não! Uma noite horrorosa,
Esperei-o a sòs e foi então
Que lhe enterrei o punhal
Em tão negro coração.

Chama-me o mundo—ASSASSINO
Que eu no amago da dôr,
Encontro que fui sómente
De minha mãe vingador!

—E' bem triste sua historia.
E não tem nenhuns parentes?
—Tenho um tio, mas talvez esse
Já não esteja entre os viventes!

Antonio nada mais disse;
Là transbordava o bello homem,
Pois ha certas alegrias
Que, maiores, mais consomem.

Estendeu tremula mão
E, dando uma carta a Alberto,
Disse, com voz sorridente,
Chegando-se muito ao perto:

—Eis aqui a liberdade !
Esse tio, olha, sou eu;
Abraça-me, qu'rido Alberto,
E's livre! Esse mundo é teu!

—Sou livre, meu tio? Oh ! que ouço?
E' sonho, ou realidade ?
Pois posso ainda gozar . . .
Essa flôr da liberdade ?

Mas não pôde dizer mais;
Junto do tio desmaiou,
E quando voltou a si,
Lindo sol o bafejou!

Muitas vezes, a miude,
C'um saudoso criterio
Iam ver dos paes e avós
As campas no cemiterio.

—Repousa, e até um dia,
Que minh'alma attribulada
Repouse junta comtigo,
N'essa modesta morada !

. . . .

Tio e sobrinho, alguns annos,
N'uma completa harmonia,
Gozaram da vida o balsamo,
Que na campa finda um dia !

FIM.

ERRATA

Na numeração das paginas ha os seguintes erros, que comtudo não embaraçam a leitura, que aliás está certa, e mencionamos esta falta simplesmente para o leitor menos versado não imaginar que ha salto, alem da numeração

A paginas 52 deviam seguir-se 53 a 56, e estão 55 a 58; e logo a seguir estão 5 a 8, em vez de 57 a 60.

Nem sempre podemos evitar taes faltas que, felizmente, desta vez apenas podiam causar uma mera duvida.